

OS NÍVEIS DA NARRAÇÃO

Logo de início, Saint-Exupéry revela-nos o seu problema: a solidão, a ausência de compreensão e de comunicação verdadeira entre os seres, em particular entre os adultos e as crianças. Paradoxalmente, dirige-se a esses mesmos adultos num tom calmo e íntimo, como se com eles não tivesse nenhuma dificuldade em comunicar. De tal modo que impõe uma cumplicidade com o leitor antes mesmo de começar a narração do seu encontro com o príncipezinho, estabelecendo assim uma relação que vai constituir o primeiro nível sobre o qual o conto se desenvolve. A narração contém três níveis:

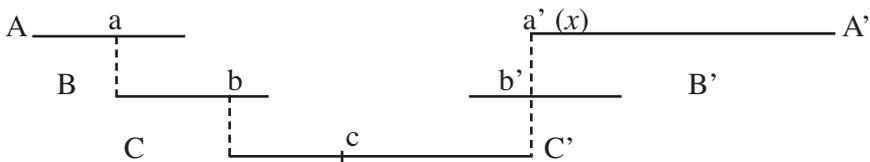
A. O das relações Narrador-Leitor: o primeiro dirige-se ao segundo para lhe contar uma história da sua infância, e depois as suas aventuras no deserto do Saará. Todo *O Príncipezinho* pressupõe essa relação com o Leitor, claramente expressa aqui e ali: «Podem imaginar como fiquei intrigado [...]» (p. 16)¹; «nós que compreendemos a vida [...]» (p. 20), etc.; finalmente o apelo ao leitor, na última página do livro, representa uma parte essencial na arquitectura da obra: o plano das relações entre o Narrador e o Leitor constitui realmente um elemento da estrutura da narração, sendo o leitor uma das personagens principais;

¹ O número das páginas indicadas no texto refere-se à paginação da obra de Antoine de Saint-Exupéry, *O Príncipezinho*, editada pela Editora Relógio d'Água em 1995 e traduzida por Manuel Alberto.

B. O das relações Narrador-príncipezinho: o seu encontro, a sua discussão a propósito «das ovelhas e das rosas», a sua pesquisa de um poço no deserto, o seu entendimento final — tantos acontecimentos que devem ser situados nesse plano;

C. O das relações príncipezinho-flor que incide na história do príncipezinho no seu planeta, o seu desgosto com uma rosa, o seu exílio, a sua viagem.

Podemos representar mediante uma pirâmide (uma mastaba) invertida a estrutura geral da narração, encarada sob o ângulo dos níveis que agrupam as relações entre duas personagens, tal como acabámos de fazer, e segundo a sua entrada em cena:



Esses níveis imbricam-se uns nos outros consoante os diversos acontecimentos (pontos de imbricação a, b e c) que marcam um lapso ou uma falha nas relações entre personagens. Assim:

Ponto a — No meio de uma confiança do autor ao leitor começa bruscamente a narração do seu encontro com o príncipezinho no deserto, e passamos para o plano B: uma nova história surge no interior da precedente que trata dos mal-entendidos do Narrador enquanto criança com as «pessoas crescidas». E a passagem de um nível ao outro coincide com um estado extremo de «falta» na vida do piloto-autor: «Vivi assim sozinho, sem ter realmente com quem falar, até que um dia, há seis anos, tive uma avaria no deserto do Saará. Qualquer coisa se quebrara no motor. [...] Era para mim uma questão de vida ou de morte. A água que tinha para beber dava apenas para oito dias» (p. 11). Essa falta de água não é apenas, não é sobretudo uma necessidade física: «Aquela água era bem mais do que um alimento» (p. 81). O medo de morrer de sede significa um temor mais importante, do mesmo modo que a solidão no deserto

toma o significado de um abandono. É nesse ponto da narração que começa o plano B, com a aparição do principezinho.

Ponto b — Situa-se no final de uma crise de ira do principezinho que se indignava com a indiferença do piloto relativamente à «guerra das ovelhas e das flores» (p. 29). E do mesmo modo que a solidão do Narrador tinha por causa a incompreensão dos adultos «sensatos» (p. 11), o principezinho chocava agora contra o espírito de «pessoa crescida» do aviador: «Falas como as pessoas crescidas!» (p. 28). Essa incompreensão provoca as lágrimas do principezinho: e a carência, indizível e misteriosa, instala-se entre os dois: «Desatou bruscamente a soluçar. [...] Havia, numa estrela, um planeta, o meu, a Terra, um principezinho a consolar! Tomei-o nos braços. Embalei-o. [...] Não sabia muito bem o que dizer. Sentia-me muito desajeitado. Não sabia como me aproximar dele, onde juntar-me a ele... O país das lágrimas é tão misterioso!» (p. 30). A seguir a este incidente que se situa no ponto b, começa a descrição das relações infelizes do principezinho com a sua flor (nível C).

Ponto c — É ainda um acontecimento penoso que está na origem de uma ruptura na narração: o exílio do principezinho inaugura uma nova história que devemos contudo considerar como fazendo parte do plano C. Acontecimento infeliz como os precedentes, mas cuja causa se deve claramente à natureza da linguagem: a ausência de uma língua não susceptível de equívoco torna impossível o entendimento entre a flor e o principezinho: «Não devia tê-las ouvido, confiou-me um dia, nunca se deve ouvir as flores»; e mais à frente: «Na altura não fui capaz de compreender nada! Devia tê-la avaliado pelos actos e não pelas palavras» (p. 33). A sua ruptura provoca uma carência que o principezinho procura apagar viajando: «Era uma vez um principezinho que habitava um planeta pouco maior do que ele, e que tinha necessidade de um amigo...» (p. 20). A falta de comunicação verdadeira acompanha-se do desejo de amizade.

Uma tal construção da narração ata todos os níveis e todas as personagens numa estreita relação de dependência. A falta (ou

carência) ressentida no plano mais exterior (o plano A) transmite-se gradualmente até ao núcleo da narração, a história propriamente dita do príncipezinho. De tal modo que quando este último encontrar a solução para o seu problema — como adquirir um meio de comunicação sem falhas — o resultado repercutir-se-á a todos os níveis.

Na realidade o plano C condiciona duplamente a construção da narração.

Verticalmente, a relação príncipezinho-flor representa um caso privilegiado da relação geral adulto-criança. Ora, todos os níveis põem em presença um adulto e uma criança, mudando as personagens de papel quando passam para um novo plano:

Plano A: Narrador (criança) — Leitor (adulto);

Plano B: Narrador (adulto) — príncipezinho (criança);

Plano C: príncipezinho (criança) — flor (adulto).

Apenas o príncipezinho não muda. O nível A confronta uma criança que sabe ver elefantes na barriga das jibóias (p. 10) com um Leitor colocado numa posição ambígua, mas que se inclina para o lado dos adultos, porque não possui visivelmente esse dom de visão das crianças; e o nível B põe em presença de um Narrador que age como uma «pessoa crescida», um príncipezinho que possui toda a sabedoria e a ingenuidade das crianças.

Assim a história do príncipezinho adquire um valor paradigmático: a aprendizagem de uma Língua que permite a comunicação harmoniosa (a aprendizagem da «domesticação») pelo príncipezinho deverá ser refeita pelas outras personagens do conto.

Horizontalmente, esta história ocupa uma posição central na narração: a falta de que sofre o príncipezinho «absorve» e engloba todas as outras. Articula, como acabámos de ver, os diferentes planos entre eles.

Não analisaremos agora o outro perfil da pirâmide. Basta indicar que aos pontos a, b e c correspondem os pontos a', b' e c' que marcam a junção dos níveis A' e B' que se encontram do outro lado da pirâmide — o lado do feliz desenlace dos conflitos —,

A Profundidade e a Superfície

15

e que tendem para um único plano (o que o esquema da página 12 não representa). Os pontos a' e b' indicam acontecimentos que deram origem a novas ligações, e onde a falta ou carência desapareceu.